



Rudesindo Soutelo
compositor e mestre em
Educação Artística



Transmutação e transcendência

Saber que em tudo o que vive está contida a sua própria mudança, desenvolvimento e dissolução”. Essa era a ideia força que o compositor Arnold Schoenberg transmitia os seus alunos por volta de 1911. A ‘mudança’, como a única coisa que é eterna; e a ‘existência’, o que é transitório. “A vida e a morte estão na mesma origem. O que existe entre elas é só tempo”¹. Essa mudança perpétua acabou por abalar o conceito de belo, e também o de arte. No século XX a arte foi ‘desdefinida’ -a perda da aura²- e Harold Rosenberg, em *The De-definition of Art* (1972) adiciona, ainda, a ‘desestetização’, uma desmaterialização ou ‘Arte sem artes’ que lhe retira todo o conteúdo até (con)fundir-se com a vida quotidiana, mutando qualquer objeto vulgar em arte³. O olhar que pomos nesses objetos também mudou a nossa atitude estética. As ciências humanas, ao aprofundar nos processos de criação, deslocam a obra de arte para o que está à volta da própria obra. O discurso sobre a arte torna-se fútil e -o belo, o sensível, a estética- esmorece. John Cage anota no seu diário que, uma vez cumprido o seu papel, a arte poderia desaparecer⁴. Rodrí-

guez-Magda diz que o mundo deixou de ser *factum* para converter-se em *factum*⁵. A realidade virou simulacro.

Antecipando-se a tudo isso, Schoenberg escreveu no livro *Harmonia*, sua principal obra teórica: “O artista não faz o que os outros consideram belo, mas somente o que ele tem por necessário”⁶. A mudança transcende a existência e a partícula ‘trans’ -para além de- semeia uma nova linguagem em transformação -transferível, translúcido, transacional, transparência, transgênico, transmissibilidade, transexualidade, transumano, transpolítica, transcultural, transtética- que abre caminhos para um pensamento multidimensional e sistémico que Rosa M. Rodríguez-Magda designa como ‘transmodernidade’. Um mundo transnacional onde os objetos já não estão por detrás dos seus nomes. A realidade-simulacro transmutou-se em virtualidade e a vertigem do vazio restitui-nos a uma certa ‘sacralidade estética’ que assume o mistério da ausência⁷ - Transmutação e transcendência.

“A criação do artista é instintiva”⁸, escreve Schoenberg no *Harmonia*, “somente a necessidade de

criar o obriga a produzir o que depois talvez designaremos como beleza”⁹.

NOTA

Este texto foi originalmente escrito para folha de sala da exposição *Transmutação*, com obras de Jorge Ramos, Olga Noronha e Ricardo Brito, celebrada na Galeria-Restaurante Arquivo do Porto (24 de janeiro a 24 de março de 2013).

¹ Schoenberg, A. (2001). *Harmonia*. (M. Maluf, Trad.) São Paulo: UNESP, p.72.

² Benjamin, W. (1992). A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936-1939). In *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política* (M. L. Moita, Trad., pp. 7-113). Lisboa: Relógio D'Água.

³ Rosenberg, H. (1972). *The de-definition of art*. New York: Horizon Press.

⁴ Cage, J. (1985). *De Segunda a um Ano*. (R. Duprat, Trad.) São Paulo: Hucitec.

⁵ Rodríguez-Magda, R.M. (2004). *Transmodernidad* (1ª ed.). Rubí (Barcelona): Anthropos, p.22.

⁶ Schoenberg, A. (2001). *op. cit.* p.569.

⁷ Rodríguez-Magda, R.M. (2004). *op. cit.* pp.14-21.

⁸ Schoenberg, A. (2001). *op. cit.* p.572.

⁹ *Ibid.*, p.72.